

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ISABELLA DE MOURA SHING

LETRAMENTO LITERÁRIO NA ERA DA CULTURA DIGITAL

Campinas

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ISABELLA DE MOURA SHING

LETRAMENTO LITERÁRIO NA ERA DA CULTURA DIGITAL

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação da
UNICAMP para a obtenção do título
de bacharel em Pedagogia, sob a
orientação do Pr. Dr. Guilherme do
Val Toledo Prado

Campinas

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Sh63L Shing, Isabella de Moura, 1997-
Letramento literário na era da cultura digital / Isabella de Moura Shing. –
Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Guilherme do Val Toledo Prado.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura. 2. Letramento literário. 3. Tecnologias. 4. Cultura digital. 5.
Cultura. 6. Escrita. I. Prado, Guilherme do Val Toledo, 1965-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Educação

Titulação: Licenciatura em Pedagogia

Data de entrega do trabalho definitivo: 13-12-2019

ISABELLA DE MOURA SHING

LETRAMENTO LITERÁRIO NA ERA DA CULTURA DIGITAL

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação da
UNICAMP para a obtenção do título
de bacharel em Pedagogia, sob a
orientação do Pr. Dr. Guilherme do
Val Toledo Prado

Campinas, ____de _____ de
2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Guilherme do Val Toledo Prado

Profa. Heloísa Andréia de Matos Lins

Dedico este trabalho à minha amiga Inaiá, que me emprestou todos os livros de suas prateleiras e compartilhou comigo o meu entusiasmo por eles. E também à minha família por ter papel fundamental em minha formação como pessoa e leitora.

RESUMO

O presente trabalho é uma revisão bibliográfica que procura investigar o que as crianças, dentro das escolas, podem aprender com a literatura, quando ela é trabalhada além de excertos para pensar gramática ou pequenos textos selecionados pelos livros didáticos, e também descobrir o porquê fazê-lo. A principal questão abordada é sobre qual é a relação que as crianças possuem hoje com os livros, uma vez que a tecnologia possa ter mudado isso. Apesar de apresentar diversas concepções do porque a literatura é importante, baseado pelas ideias de Cândido (1972) e Cosson (2018), entende-se que através dela não só se conhece sobre outras maneiras de vida como também permite que se simule essa experiência em um processo de alteridade, fazendo com que nós nos coloquemos no lugar do outro e transformando a materialidade do mundo em palavras intensamente humanas e poéticas. O trabalho também explora questões sobre o letramento literário, que é a proposta de letrar o aluno não apenas no ato de ler as palavras, mas também de fazê-lo entender o contexto do que é lido ou seja, as subjetividades do texto, tornando possível a compreensão do mundo através da literatura. Que a internet, os dispositivos móveis e vários aparelhos que ficam cada vez mais eficientes tem mudado as relações humanas e a relação da sociedade com o mundo da leitura já está dado, e este trabalho explora o que essa nova cultura digital significa para a cultura letrada e os livros.

Palavras-chave: Literatura, Letramento Literário, Tecnologias, Cultura Digital, Cultura Escrita.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo I –Uma defesa da literatura.....	11
Capítulo II – A literatura, a escola e o letramento literário.....	26
Capítulo III – A literatura e as novas tecnologias.....	36
Considerações Finais.....	51
Referências Bibliográficas.....	53

Introdução

Nasci em uma cidade grande no estado de São Paulo e em uma família pequena, e foi por esse motivo que sempre tive pessoas adultas envolvidas no meu dia a dia e nas minhas brincadeiras, já que não tinha irmãos e nem mesmo primos. Tenho memórias de quando era ainda muito pequena e não alfabetizada, das vezes frequentes em que meu pai me levava em bibliotecas públicas ou do Sesc, escolhia um livro para levar para casa e lia as histórias para mim antes de dormir. Tenho outras lembranças que acabaram por se perdurar mais com meu avô, que me levava em livrarias e enquanto ele lia os jornais, eu me sentava e ficava horas folheando todos os livros que meus dedos podiam tocar, coisa que virou hábito entre nós dois por alguns anos.

Quando já estava no ensino fundamental, minha paixão pelos livros continuou intacta, lia os livros da biblioteca da escola, e da biblioteca pessoal da minha melhor amiga, que tinha estantes cheias deles. Assim, ao longo da vida aprendi a carregar um livro comigo, onde quer que eu fosse, não importando o momento, tornando-me uma defensora ferrenha deles. cursar pedagogia me possibilitou perpassar por esse tema em muitas ocasiões, quando estudei sobre psicologia, história, currículo, psicologia, metodologia, alfabetização, entre outros assuntos.

Estudei sobre a seleção dos livros didáticos e como são propostos os currículos, como as histórias de contos de fadas podem ajudar crianças a se organizarem internamente quando estão em momentos de dificuldade em psicologia, como o conceito de leitor pode direcionar o método da alfabetização, e ela pode priorizar os livros ou não. Cheguei a fazer uma disciplina que tinha como propósito ser uma defesa à leitura de literatura por ela mesma, sem que houvesse um objetivo pedagógico de ensinar algo, além de outros momentos em que esse tema perpassou outros. Nas minhas experiências práticas em estágios também estava lá presente, quando observava a relação das crianças com a biblioteca e os livros, se havia uma

leitura obrigatória de alguma literatura e como isso era decidido e abordado pelas professoras.

Ainda com todos esses acontecimentos, não me lembro de ter estudado algum autor que falasse especificamente sobre a leitura de literatura. Li Bahktin, Luria, Emilia Ferreiro e outros autores, e nessas disciplinas tivemos discussões sobre a importância dos livros, mas que acabaram por ser superficiais, me confirmando algo que eu já sabia, a leitura de literatura é importante. Porém sinto que essa questão poderia ser estudada mais a fundo por mim, já que tenho a impressão de saber que é importante, mas não saber fazer uma defesa argumentativa do porquê além das minhas vivências como leitora e como aluna, e não como pedagoga.

Em meu oitavo semestre de graduação tive uma disciplina de estágio de fundamental I onde começamos todas as aulas com alguma poesia, conto ou história. Conversamos sobre autores de livros infantis, sobre a importância de um tempo dedicado para a literatura além das intenções pedagógicas, para que o contato das crianças com esse tipo de texto não seja apenas pelos recortes feitos nos livros didáticos, sendo interessante deixar elas próprias investigarem como são as histórias, os livros, suas cores e gravuras. Foi nessa disciplina que tive meu primeiro contato com o termo Letramento Literário, pois tivemos uma aula com uma introdução no tema e apresentação do autor Rildo Cosson, ainda que não tenha lido suas obras nessa época.

Sabendo que deveria escolher um tema para o meu trabalho de conclusão de curso no semestre que estava por vir, passei a considerar estudar sobre o letramento literário, ainda que meu conhecimento sobre o tema fosse muito superficial. Para remediar tal problema, pedi ajuda a uma professora da universidade, que me indicou dois textos. Um deles foi o artigo “Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula” de Renata Junqueira de Souza e Rildo Cosson, e o outro foi a introdução do livro “Letramento Literário: teoria e prática” de Rildo Cosson. Depois de lê-los, percebi que havia me equivocado com o estava entendendo por letramento literário, uma vez que achava que a proposta do mesmo era promover a literatura apenas por ela

mesma, sem procurar problematizar e trazer temas de discussão para os alunos sobre o que leram.

Porém, já nesta introdução de seu livro, Rildo Cosson (2018) começa explicando como o letramento literário é uma forma de letrar o aluno não apenas no ato de ler as palavras, mas também de fazê-lo entender o contexto do que é lido, suas subjetividades, tornando possível a compreensão do mundo através da literatura, o que é – ainda segundo ele – uma maneira de assegurar o efetivo domínio da linguagem. Assim, ao contrário do que eu havia pensado, ele apresenta uma sequência básica para que isso aconteça, que contém intervenções e provocações preparadas pelos professores.

A partir de tudo isso que considerei, foi assim que escolhi pesquisar sobre esse tema, uma vez que ele sempre foi importante para mim como pessoa, o que acabou por me influenciar como pedagoga e foi reforçado em minhas experiências dentro da universidade e práticas dentro das escolas. Ao ler apenas esses dois textos, percebo que há muito mais a ser trabalhado e estudado por mim dentro dele, e assim o desejo fazer. Ao longo desses anos algumas perguntas surgiram, seja por minhas vivências como aluna da escola básica e da universidade ou como pedagoga em formação. A primeira seria sobre o qual seria o papel da literatura, efetivamente o que se trabalha com ela, o ensino de gramática e questões morais? Há também algum caráter formador do ser humano no ensino da literatura?

Gostaria de investigar o que se pode aprender com a literatura, quando ela é trabalhada além de excertos para pensar gramática ou pequenos textos selecionados pelos livros didáticos, e também descobrir o porquê fazê-lo nas escolas. Outra questão que me interessa é sobre qual é a relação que as crianças possuem hoje com os livros, uma vez que a tecnologia possa ter mudado isso. Há muito mais facilidade de acesso a pesquisas e textos online, há outros tipos textuais como os blogs e sites que oferecem diferentes conteúdos, há dispositivos diferentes, sendo criado até mesmo um que é específico para a leitura de livros online – o kindle - , há até propostas de

algumas escolas particulares de digitalizar os materiais didáticos, passando a ser não mais impresso e sim disponibilizados em tablets.

Não se pode ignorar que a sociedade está mudando devido a esses fatores. Ainda que algumas pessoas defendam que isso é para melhor, outras dizem que a tecnologia está criando um espaço cada vez maior entre os alunos e o mundo dos livros, nesta pesquisa gostaria de problematizar essa questão e pensar se realmente esse é o caso.

Capítulo I – Uma defesa da literatura

Dentro de todas as minhas inquietações já apresentadas na introdução, a primeira a ser explorada será a da importância da literatura e de seu possível papel formador do ser humano. Afinal, para quê estudar literatura? O que se aprende com ela? A fim de responder essas perguntas, ao selecionar a bibliografia para este capítulo me deparei com textos que conversavam com essa temática de diferentes vertentes, por isso trarei questões históricas, filosóficas, sociológicas e também da psicologia.

Quanto a história da literatura na escola, achei interessante como a mesma possuía um status importante nos séculos passados, já que seu conhecimento mostrava o domínio da cultura. Como explica Oliveira (2013), no Brasil o ensino secundário começou com escolas religiosas fundadas pelos jesuítas, para educar a população branca dos portugueses e seus descendentes para que esses, se um dia quisessem, pudessem frequentar universidades na Europa. Nesse modelo de escola, a literatura era estudada junto com a retórica, gramática e latim pois vivia-se sob uma concepção humanista, que entendia o domínio das letras clássicas como sinal de distinção, e o conhecimento da literatura era visto como posse de um patrimônio.

Essa distinção através da literatura nesse período, se dava pela ideia de que ela reproduzia um conjunto de modelos estéticos, que por sua vez reproduziam os valores das classes sociais mais privilegiadas, sendo então acessível a uma pequena parte da sociedade. A autora explica que esse modelo de base renascentista durou um tempo considerável no Brasil, mais ou menos até a metade do século XIX, quando há uma mudança no conceito de literatura, que deixa de ser vista pelo modelo da concepção clássica, passando como explica Frederico e Osakabe (apud Oliveira, 2013, p.44) para o modelo de “monumentos definidores das particularidades de uma língua e, via de regra, de uma nacionalidade”.

Ou seja, é a partir desse conceito que se começa a denunciar a falta de escritores nacionais no currículo, fazendo uma defesa da construção do sentimento de nacionalidade brasileira nas escolas. A autora até mesmo cita a história do escritor brasileiro José Verissimo que participava dos debates sobre educação na virada do século XIX para o XX, e defendia não só a literatura produzida no próprio país, como também o ensino de história e geografia do Brasil com a intenção de desenvolver justamente esse sentimento nacionalista.

Uma questão que acho importante ressaltar, e que foi apresentada por Oliveira (2013) é a de que foi apenas a partir de 1930 que a ciência social passou a ser sistematizada e pesquisada por estudiosos no país. Antes disso, a literatura era o único meio para conhecer a história e geografia do Brasil, sendo então muito importante para fundar a cultura nacional.

No entanto, caminhando mais à frente no tempo, a autora explica que houve uma mudança na forma da escola se relacionar com a literatura depois da reforma educacional de 1971, que ocorreu em pleno regime militar. Essas mudanças visavam dar preferência a formação de mão de obra especializada para que o país entrasse no ritmo da industrialização e do capitalismo. Oliveira (2013) traz em seu texto a autora Regina Zilberman (1988) que conta que segundo seus estudos, havia a presença obrigatória da literatura nos níveis iniciais do ensino até 1970, com os objetivos parecidos com os das primeiras escolas, preocupando-se com o ensino da norma culta da língua, ensinar valores e outros conhecimentos, mas isso tudo mudou depois dessa reforma.

Esse estudo ainda diz que as maiores mudanças que a mesma trouxe foi o de que o patrimônio da literatura brasileira passa a ser responsabilidade obrigatória apenas do segundo grau na escola básica, e sobretudo dos cursos de letras. O texto literário pode ser usado nas aulas de português ou para o ensino de gramática, mas acima de tudo, deve mostrar-se coerente com a disciplina, procurando o desenvolvimento da criatividade dos alunos.

Ao ler esse texto de Oliveira (2013), pude observar como a literatura foi de um status de importância e de exclusividade de poucos até a metade do

século XIX, para o início de sua decadência no século XX com uma pedagogia tecnicista que procurava formar para o trabalho. Cada vez mais começa-se a priorizar o estudo da gramática e das estruturas textuais da literatura, as biografias dos autores, os períodos estéticos, entre outros, ao invés do texto literário em si. Zilberman explica (apud Oliveira, 2013) que nesse segundo momento há a perda de caráter elitista da literatura que era assumido quando pensado por uma orientação humanista, mas ao mesmo tempo ela perde sua importância dentro do currículo escolar.

Pensando em escola e literatura Marisa Lajolo (apud Oliveira, 2013) cita duas maneiras de se relacionar: a educação *pela* literatura, que vê a literatura como um instrumento pedagógico que transmite valores e conhecimentos, mas que não valoriza o lado estético da mesma. E a educação *para* a literatura, onde a escola busca formar e sensibilizar leitores literários, e a literatura não é só instrumento, como também objeto. Esse conceito ficou mais claro para mim com a seguinte citação no texto, de Lajolo (1982):

Parece que só muito raramente se pensou no potencial representado pela escola para a formação de um público literariamente amadurecido. A tradição do ensino da literatura habituou-se a ver os alunos como recipientes vazios que cumpria encher com informações da mais desconhecida natureza, todas elas periféricas ao fato literário. Biografia do autor, influências que recebeu, cargos públicos que ocupou, tudo isso tem ofuscado os autores didáticos. [...] Tudo isso, como se sabe, *ad nauseam*, hoje, está aquém e além do fato literário em si. [...] (apud OLIVEIRA, 2013, p. 50-51)

Conforme a autora, hoje nas escolas a proposta do ensino de literatura no ensino médio acaba por ficar refém de sua história e do vestibular, e no resto do ensino básico da alfabetização e ensino da gramática, quando na verdade poderia formar leitores sensíveis à estética da literatura. E por que seria importante formar leitores sensíveis à estética? Eu comecei a me perguntar a partir desse texto... E logo essa questão será respondida de maneiras diferentes, que não a histórica.

Seguindo nesse diálogo, Rezende (2013, p.102) também diz que em suas pesquisas, quando se pergunta aos professores o que se ensina quando se ensina literatura nas escolas, a resposta é a de que não se estuda literatura

em si, mas sim a história da literatura ou enxertos de textos literários, com perguntas direcionadas. Isso foi uma coisa que me surpreendeu, pois mesmo depois de quarenta anos, a situação das escolas ainda é muito parecida se compararmos as pesquisas que aparecem no texto de Oliveira (2013) e de Rezende (2013). Esta última defende que o processo de leitura literária deve ser focado no aluno e não no professor, para que se acompanhe seu processo de aprendizagem, sendo que isso é mais importante do que uma lista de conteúdos definidos.

Para Rezende (2013, p.107) essa leitura literária fora da escola pode ser vista como uma prática social, pois ela sugere um movimento de identificação, uma vez que lemos ou porque nos identificamos mais com um gênero, ou por indicação de alguém que respeitamos, porque temos o desejo de reler, porque tal obra faz sucesso ou para podermos exercer uma profissão. “A verdade é que a leitura literária “não obrigatória”, que fazemos por vontade própria, promove antes de tudo uma identificação e é geralmente vivida subjetivamente pelos leitores.” (Rezende, 2013, p. 108). Esse processo também tem a ver com os interesses pessoais de cada indivíduo e suas ideologias, podendo envolver os mais diferentes porquês, como ler para se distrair, para aprender algo novo, para se ter novas experiências, ou para viver um processo de alteridade.

O que pode desanimar os alunos leitores, é o fato de que a escola é menos livre do que a sociedade, pois há objetivos a serem cumpridos e conteúdos a serem dados. A autora diz que apesar da literatura ficar submetida a essas necessidades, há como mudar essa experiência com as teorias e práticas. Dessa maneira talvez o problema não seja a falta de interesse das crianças, mas uma falta de preparo da escola em disponibilizar tempo para uma leitura que permita fazer reflexões, saindo do ritmo da cultura de massas.

Vincent Jouve (apud Rezende, 2013) faz uma lista com cinco dimensões do processo de leitura, sendo ele: um processo neurofisiológico pois a leitura pode suscitar uma atividade de antecipação e interpretação, um processo cognitivo pois exige um saber mínimo ou uma competência para completar a

tarefa, um processo afetivo sendo as emoções o principal motor para a identificação do leitor com o texto, um processo argumentativo pois interpela ao leitor que por sua vez pode ou não aceitar a argumentação desenvolvida, e por último é também um processo simbólico, sendo que o sentido do que é lido é influenciado pela cultura em que o leitor está inserido.

Por fim, Rezende (2013) afirma que todos esses processos são passíveis de uma “escolarização”, e que podem ser usados em concordância com os objetivos do ensino da análise gramatical, ou da leitura literária, fazendo uma defesa à leitura das obras que os alunos tanto estudam e ouvem falar sobre nas aulas de literatura. Gostaria que a autora tivesse explorado mais esses tópicos das dimensões do processo de leitura, pois eles seriam relevantes para essa discussão, mas como isso não acontece de modo aprofundado, usarei ainda neste capítulo um texto do autor que ela citou – Vincent Jouve –.

Saindo um pouco do enfoque histórico, outro autor que quis chamar para fazer parte nessa defesa da literatura, é Rildo Cosson que escreve muito sobre letramento literário, e ao qual recorrerei com frequência neste trabalho. Para este autor, o ser humano exercita a linguagem de vários jeitos, e o mundo de cada um é constituído pelo que essa linguagem pode expressar:

Todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa. E constituímos o mundo basicamente por meio de palavras. No princípio e sempre é o verbo que faz o mundo para todos nós, até porque a palavra é a mais definidora das criações do homem. (COSSON,, 2018, p.15)

As palavras por sua vez que alimentam essa linguagem vem da sociedade humana em que se está inserido – lembrando um pouco o conceito que Rezende (2013) apresenta como processo simbólico -, sendo que o uso das palavras é de caráter tanto coletivo, porque elas não são de ninguém e podem ser usadas por todos, quanto individual, pois ao se comunicar cada um faz sua escolha pessoal. O corpo de linguagem de cada indivíduo é composto por essas escolhas pessoais, e o autor entende que quanto mais esse corpo se estende, maior também se torna o mundo desse indivíduo.

Dentro da nossa sociedade letrada, a escrita apresenta um lugar privilegiado entre as transações humanas, pois como explica Cosson (2018), é por ela que conseguimos organizar nossos saberes e armazená-los, libertando a sociedade de limitações físicas como o espaço e o tempo. É na literatura que as palavras encontram seu perfeito exercício, seja através da leitura ou escrita pois é no seu exercício que se desvenda as regras dos discursos padronizados e suas arbitrariedades da sociedade letrada, enquanto também possibilita que o indivíduo encontre seu próprio modo de fazer linguagem e de ver-se como dono dela, perpassando por seu papel individual e coletivo.

Esse perfeito exercício só acontece, pois, a literatura apresenta diferentes temporalidades e tem muitos artifícios, sendo plena de saberes sobre os seres humanos e o mundo em que eles vivem, guardando o passado, o presente e o futuro da palavra. Quis compartilhar a citação seguinte, pois confesso que a maneira como o autor coloca o papel da literatura foi mais atrativa para mim do que os textos que explicavam a sua importância histórica, pois dessa maneira parece que ela nos empodera a sermos quem somos, é um instrumento para entendermos quem os outros são e nos ajuda a nos comunicar melhor com eles, guardando também os segredos da humanidade.

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2018, p.17)

Dessa forma, não só se conhece sobre outras maneiras de vida como também permite que se simule essa experiência em um processo de alteridade, fazendo com que nós nos coloquemos no lugar do outro. A literatura tem o papel importante de tornar o mundo compreensível, permitindo que se diga o que muitas vezes não sabemos expressar, ajudando o leitor – que virá a

ser escritor – a se expressar de maneira mais precisa, transformando a materialidade do mundo em palavras intensamente humanas e poéticas.

Antônio Candido (1972) tem uma visão um pouco menos romântica sobre a função da literatura do que Cosson (2018), mas mesmo assim ainda muito política, em que a literatura tem a ação de humanizar o homem. Assim como Oliveira (2013) e Rezende (2013) – e apesar de algumas décadas de diferença – também se preocupa com o fato de que os estudos sobre literatura modernos da época tinham o foco estrutural e no contexto de modelos das obras, e não da função literária em si. Ele diz que o estudo da função busca estudar as singularidades das obras, como perceber a visão do autor e como seu modo de se expressar exprime seus pensamentos e crenças sobre o lugar em que está inserido, ou o valor que uma obra tem para o público, e seu poder de sensibilizar e emocionar.

O autor aponta para a função humanizadora da literatura, pois ela consegue exprimir o homem e tem influência em sua formação. Candido (1972) explica que há uma função psicológica e formadora da literatura, sendo que a psicológica se refere sobre uma necessidade existente no ser humano por consumir ficção e fantasia, sendo essa vontade universal e involuntária, não importando os fatores externos como etnia, classe social ou cultura. Essa necessidade pela ficção pode ser suprida de forma oral ou visual, já que o autor dá exemplos dos contos folclóricos, lendas, mitos, histórias impressas em livros ou revistas, no rádio ou telenovela, sendo elas todas formas de sistematizar a fantasia.

Mas, ao se perguntar se a literatura tem função formativa do tipo educacional, Candido (1972, p.84) responde que sim, ela para ele é tão atuante na formação quanto a escola e a família, ainda que seu caráter educativo seja diferente do da pedagogia oficial. Quando o leitor tem contato com as obras, elas podem provocar diferentes reações que estão além de seu controle, contribuindo para que ele possa ter contato com novas visões de mundo, desencadeando questões que talvez antes não tenham sido percebidas, e fazendo que ele mude sua postura. As criações ficcionais e poéticas podem até

mesmo atuar no subconsciente dos leitores de uma maneira que não percebemos, podendo influenciar suas personalidades.

Quanto ao caráter educativo da literatura, Cândido (1972, p.84) explica que ela não condiz com uma visão de instrução moral e cívica, com a ideologia já conhecida como o Verdadeiro, o Bom, o Belo, pois enfrenta paradoxos. A mesma obra que traz algo que é tido como indispensável pela escola para a formação dos alunos, também traz convenções que a mesma deseja banir, já que a literatura não faz discrição entre o bem e o mal como uma dicotomia onde um está contra o outro, mas apresenta situações de “bem” e situações de “mal”, educando como a própria vida quando evoca altos e baixos, luzes e sombras. Candido (1972) encerra esse tópico com a seguinte passagem que ilustra o que foi apresentado anteriormente: “Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.” (Candido, 1972, p 85).

Quando li esse texto pela primeira vez, tive muita dificuldade em entendê-lo, o que comentei com o meu orientador, professor Guilherme do Val Toledo Prado. Antônio Candido (1972) apresenta três conceitos nele e acabei fazendo o recorte apenas dos dois primeiros, pois achei que eles cabiam melhor aqui. Voltando a conceitos que já foram apresentados brevemente e que a partir desse novo texto serão melhores elucidados, o autor Vincent Jouve (2013) – que foi antes mencionado por Rezende – traz uma nova percepção a leitura, dizendo que ela não é apenas um processo de alteridade e de aprender sobre o mundo, mas também é um momento constitutivo de subjetividade, onde o leitor se volta a si mesmo e se projeta na leitura, o que pode ressaltar o interesse dele pelo ensino literário.

Há uma participação por parte do leitor quando este é convidado pela obra a construir imagens mentais com sua criatividade para completá-la estruturalmente, visto que mesmo que o autor use detalhes em sua descrição, não conseguirá descrever completamente. Em situações ainda mais vagas, os leitores são remetidos às suas próprias vivências e lembranças que surgem

espontaneamente, e preenchem as lacunas das narrativas. São exatamente essas memórias pessoais que possuem uma dimensão afetiva, apresentando para aquele indivíduo um valor especial. O autor chega até mesmo a comentar que é essa conexão que se perde quando se adapta um livro a um filme, os detalhes que foram afetivamente imaginados pelos leitores perdem seu sentido, e são substituídos por coisas concretas, que podem acabar decepcionando.

Jouve (2013) explica que a subjetividade também está presente no plano intelectual pois no texto literário sua linguagem não faz uma comunicação direta dos fatos, criando vários espaços para a interpretação em que os acontecimentos e seus detalhes não estão tão claros. Isso faz com que o leitor tenha de ler nas entrelinhas, pensar e criar hipóteses para dar significação ao texto através da subjetividade, porém há momentos em que ele pode se enganar e colocar a subjetividade em lugares em que não estava necessariamente prevista no texto.

O plano afetivo gera uma identificação que pode ser consciente ou não, revelando algo que já estava dentro daquele indivíduo, mas que podia não ser manifestado. Porém é no plano intelectual em que o entendimento das subjetividades acidentais têm mais possibilidade de acontecer, pois nossa memória comete erros e podemos não assimilar todos os dados textuais, fazendo com que as partes que gravamos de um texto dependa do centro de interesse de quem o lê, sendo que essa seletividade pode causar vários erros de leitura, como Jouve (2013) explica, a intertextualidade mais importante e determinante afinal não é a do texto, mas sim do leitor.

Quando ocorrem esses erros acidentais, o leitor é levado a refletir sobre os motivos que o fizeram projetar algo que não estava no texto e as configurações subjetivas que ele produziu, e são esses momentos em que essa volta a si é mais importante já que ele percebe-se como indivíduo ativo nesse processo. Jouve explica que o:

Espaço intermediário entre o eu do leitor, e o não-eu do texto, entre o sujeito que lê e o outro que escreve, entre o imaginário das representações e a realidade da linguagem, ela é esse lugar

intermediário onde se persegue a construção jamais acabada de nossa identidade. (JOUVE, 2013, p.61)

Essa confrontação do leitor consigo mesmo seria um dos maiores poderes da leitura, assim quando ele explora uma obra também explora a si mesmo. Jouve também aponta que nessa relação, nós julgamos apenas aquilo com que não conseguimos nos identificar. O ponto em que o autor chega em seu texto no final é o de que se percebe que a leitura não enriquece o ser humano apenas em relação aos conhecimentos sobre o mundo, mas também leva a um aprendizado e descobrimento de si.

Reservei por último o texto que fecharia melhor essa discussão, perpassando por pontos que foram abordados em todos os textos anteriores, ainda que seja coincidentemente o mais antigo. O autor Compagnon (1950) conta bastante sobre as particularidades da história da literatura na França por ser de lá, mas também pode enriquecer essa defesa dela. Ele começa seu texto falando sobre uma rivalidade entre a uma visão teórica ou poética da literatura – que seria a mais tradicional – e a visão da história literária, ou filologia, e que é quebrada com a modernidade.

O valor da literatura passa então a ser questionado pois não se acredita mais nela como algo absoluto, ou como uma única forma de compreender uma cultura em sua totalidade. Há também o fator da “fratura social” onde muitos indivíduos são excluídos de sua vivência, já que como explica Oliveira (2013) por muitos anos a literatura possuiu um caráter elitista. Além disso, o autor aponta que nasce uma rivalidade da literatura com a ciência, e essa primeira passa a ser desqualificada. São essas razões que fazem com que os espaços para a literatura fiquem cada vez mais escassos.

A fim de explicar o porquê se deve ainda estudar literatura, Compagnon (1950) apresenta três definições diferentes e positivas do poder da mesma, sendo que a primeira delas é o clássico onde a cultura literária supostamente torna o homem melhor. O autor explica que Platão acreditava que o homem aprende pela mimesis, ou seja, a imitação. A representação da ficção da literatura faz com que ele aprenda sobre o mundo real, que contém em si um

poder moral capaz de instruir e melhorar o ser humano, tanto no âmbito privado quanto no público. Compagnon (1950) também cita o autor La Fontaine, que defende a mesma coisa, mas para as fábulas e os contos, que ao mesmo tempo em que educam moralmente também divertem, e cita Prevost e Robert Musil, que falavam mais sobre esse efeito moral das narrativas.

Eles explicam que dentro da sociedade os conceitos de moral podem ser vãos e gerais, por isso se torna difícil para que o homem se reconheça e se espelhe neles. Apesar de saberem o que seria “certo”, optam pelo caminho contrário por acharem que esses preceitos morais são muito difíceis de serem seguidos. A literatura resgata essa significação moral pois ajuda a refletir sobre eles, sendo um exemplo que ajuda a conduzir melhor do que regras.

Outra definição da importância da literatura que surgiu com o Iluminismo, é que ela deixa de ser apenas uma maneira de instruir enquanto deleita o ser humano, mas também o liberta de sua sujeição às autoridades, contribuindo para a criação de um senso de autonomia e responsabilidade do indivíduo, curando-o principalmente da religiosidade. Compagnon (1950) explica que nesse caso, a literatura seria um poder que possibilita o homem de escapar da alienação e opressão, contestando a sua submissão ao poder de outros, ainda que esse seja um lugar paradoxal, pois talvez seja menos querida quando há a liberdade de uma democracia por exemplo.

Ainda seguindo essa linha de pensamento, o romantismo procurava redimir a vida humana, pois é através da leitura e da literatura que a consciência do homem pode vivenciar uma comunhão verdadeira com o mundo. No final desse segundo momento havia críticas à visão dos iluministas e românticos, porque a literatura corria o risco de que ao mesmo tempo que libertava da religião, também pudesse tomar seu lugar como uma substituta, como dizia a visão marxista da ideologia. Sendo então por essa razão, perigoso acreditar nela como um remédio ou cura.

O terceiro poder apontado por Compagnon, entende que a literatura tem o poder de corrigir e compensar os defeitos e insuficiências da linguagem, que

não consegue exprimir a vida como ela é, diferente da poesia, cheia de intuição e simpatia, “o poeta e o romancista nos divulgam o que estava em nós mas que ignorávamos porque faltavam-nos as palavras” (Compagnon, p. 37-38). Esse conceito me lembrou vagamente o de Candido (1972) e de Jouve (2013), pois Compagnon (1950) diz que a arte, poesia e literatura podem trazer a tona sentimentos e pensamentos que estavam representados em nós há algum tempo, mas que permaneciam dormentes, fora da consciência e que eram até então inexprimíveis, e assim o leitor se identifica na obra que lê.

A literatura nos torna inteligentes, pois nos ensina a voltarmos as nossas memórias involuntárias e confiarmos mais em nossa intuição. Sendo assim: “o dilema da arte social e da arte pela arte se torna caduco face a uma arte que cobiça uma inteligência do mundo liberta das limitações da língua.”. (Compagnon, p. 39).

Há ainda um quarto poder, ainda que esse não seja positivo. Segundo Compagnon, no tempo pós-moderno o fato da literatura ter sido mal usada em causas não justas, faz com que se crie uma desconfiança nela e dessa forma seja difícil para alguns autores de assumir outro poder da literatura que não seja o exercido sobre ela mesma, ou seja, quando não se tem outro compromisso instrumental seja pedagógico, ideológico ou linguístico.

Cândido (1950) explica que enquanto Baudelaire (1995, p.132) dizia que a literatura o ajudava a matar o tempo, compensando por uma vida tão dura e que passa devagar, outros como Theodor Adorno e Blanchot julgavam a mesma parte responsável pelo que aconteceu em Auschwitz, já que ela não havia impedido o inumano uma vez que homens cultos e que liam os clássicos da literatura cometiam atrocidades, o que para esse discurso validava a ideia da perda do status da arte de redimir a vida. Nesse ponto Compagnon (1950) cita mais uma vez essa desconfiança contra a literatura, pois a recusa de outros poderes por ela que não seja o de recreação passa a ser recorrente no final do século.

A literatura quis responder com sua neutralização ou banalização ao dano causado por sua longa convivência com a autoridade, e inicialmente com os Estados-nação cuja emergência ela ajudou.

Depois dos Estados Unidos, a França foi conquistada pelo ressentimento contra a literatura vista como o exercício de uma dominação. Invertendo a ideia do Século das Luzes, ela é cada vez mais frequentemente percebida como uma manipulação, e não mais como uma libertação. (COMPAGNON, 1950, p.44)

Diante de tudo o que foi exposto pelo autor, o mesmo passa a defender que já é tempo de proteger a literatura da depreciação do mundo, pois essa ensina sobre sentimentos e humaniza o homem. Hoje em dia há outras representações com a mesma promessa de dar forma a experiência humana, como o cinema por exemplo, logo a literatura perde sua cátedra de modelo de consciência histórica, estética e moral. Porém segundo pesquisas citadas por Compagnon (1950), a leitura de romances serve como uma educação moral há pelo menos dois séculos, ajudando a desenvolver a personalidade do indivíduo que a lê, possibilitando uma experiência sensível dele com o mundo, além de apresentar um conhecimento moral.

O autor explica que um retorno ético à literatura defendido por filósofos é a recusa do fato de que apenas teorias de proposições universais podem ensinar algo sobre a vida e o ser humano. A literatura conecta diversos aspectos da humanidade, os sentimentos, as mais diferentes crenças, a imaginação, o que faz com que ela carregue um saber insubstituível e não resumível, como fala Compagnon (1950), um saber de singularidades. Ele defende portanto que a literatura deve ser estudada porque ela transmite a experiência de outros indivíduos, que podem não compartilhar a condição em que estamos inseridos ou nosso espaço ou tempo presente – como Rildo Cosson (2018), quando diz que a literatura ultrapassa essas dimensões -, provocando compaixão e desenvolvendo um processo de alteridade para esse tipo de vida tão diferente da que conhecemos e nos fazendo cientes de outras culturas e valores.

Há ainda os literários que rompem com essa ética da leitura, como os autores citados no texto de Compagnon (1950), como Harold Bloom e Milan Kundera, que pensam na literatura assim como os antigos românticos, algo que é capaz de desenvolver o ser autônomo, mas mais do que isso, algo que ajuda a desenvolver uma personalidade que é capaz de ir em direção e ouvir o outro.

Compagnon (1950) explica que a literatura liberta os seres humanos de nossas maneiras convencionais de pensar a vida, e por isso nos atinge mais do que discursos filosóficos, sociológicos ou psicológicos, justamente por fazer um apelo as emoções e à empatia, resistindo a má fé e a tolice de maneira não violenta. É dessa maneira que o seu poder emancipador nos influencia, o texto literário, sobretudo os romances, não ensina necessariamente um saber erudito ou uma moral, mas nos oferece uma nova sensibilidade, que é mais capaz na tarefa de nos fazer entender as motivações humanas do que os outros discursos científicos ou filosóficos, ainda que seja orientada pela intuição.

Nesse primeiro capítulo, procurando estudar uma possível formação do ser humano pela literatura e responder as perguntas “afinal, para quê estudar literatura? O que se aprende com ela?”, encontrei muitas respostas. Seja porque ela demonstra um domínio da cultura, ou porque traz uma educação moral, ou um aprendizado sobre o mundo e as outras pessoas e suas mais diferentes perspectivas, ou porque nos faz aprender sobre nós mesmos nos processos subjetivos, ou nos faz seres autônomos, ou porque nos faz aprender sobre a vida sem recortes do que é bom ou mau – entre outros tantos motivos para defendê-la -, a literatura é importante para o nosso desenvolvimento pessoal e para a nossa relação com os outros seres humanos.

Quando Compagnon (1950) diz que ela nos ensina por um processo intuitivo, vejo que eu já sabia disso quando em meu lugar de leitora, pensava no que a literatura fazia por mim. Logo, para finalizar esse capítulo, deixo um pequeno texto de minha autoria quando era uma adolescente:

Algumas pessoas já me perguntaram por que eu gosto das palavras, tanto das que leio quanto as que escrevo. Eu tenho a resposta na ponta da língua, mas até agora preferi guardá-la em segredo. O fato é, eu as conheço bem. As palavras me fazem sentir bonita, cheia de vida e sonhos. É como desenhar um mundo novo, experimentar novos sentimentos, é como uma dança, uma melodia no silêncio. É como se eu pudesse criar qualquer coisa, enquanto as sinto nas pontas dos dedos. As palavras me fazem sentir importante, como se o que eu penso e sinto realmente importasse – já que no meu mundo não importa -. As palavras me abrem portas, janelas, frestas e sacadas de ar puro. Elas me ligam e me encaixam como um quebra cabeça, e eu me deleito em brincar com elas. E por mais que aqui eu tente usar as mais bonitas e combinadas para explicar o sentimento, não acho que consigo. Assim como elas, ele é único.

Capítulo II – A literatura, a escola e o letramento literário.

Agora que já se sabe da importância da literatura, cabe a esse texto refletir também sobre a situação atual de seu ensino nas escolas do Brasil, que como apontado por Oliveira (2013) e Rezende (2013) é preocupante e se além há muitos anos na historicidade e não na leitura do texto literário em si. Fico a me perguntar, o que pode ajudar a promover uma verdadeira mudança nesse cenário e responder essa questão é o objetivo deste capítulo, fazendo uma breve análise das dificuldades que enfrentamos dentro das escolas e apontando um jeito de melhorar essa situação.

As autoras Formiga, Inácio e Barbosa (2015) entendem que a escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de leitores e para estimular o gosto pela leitura. E é porque a literatura tem a função de ensinar sobre a vida pela experiência do outro, além de permitir que o leitor a experiencie até certo ponto, que deve se insistir em seu valor dentro das escolas. Para falar da realidade do país e caracterizar o seu perfil de leitor, as autoras citam três pesquisas, e embora eu entenda o porquê de cada uma ter sido escolhida, não vou fazer reflexões mais aprofundadas sobre elas pois as informações podem ter mudado ao longo dos anos, e as encaro como uma maneira de exemplificar o ponto de vista delas a grosso modo.

A primeira é uma pesquisa de Produção e Vendas do Mercado Editorial de 2009 que mostra que o consumo de livros aumentou no Brasil, pois houve um faturamento de 2,13% a mais naquele ano, e a segunda é sobre os resultados dos exames do Programa Internacional de Avaliação de Alunos – PISA – também de 2009, que apesar de ter elevado a média brasileira em 9% em relação a sua edição anterior em 2000, ainda classifica o país como o 53º dentre os participantes. Finalmente, a terceira pesquisa é chamada “Retratos da Leitura no Brasil” realizada pelo IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública – em 2012, que revelou que cerca de 50% dos brasileiros leem uma

média de quatro livros por ano, e que dentro do universo estudantil a escola é responsável por indicar boa parte dos livros lidos.

Formiga, Inácio e Barbosa (2015) se valem dessas pesquisas para explicar que apesar de haverem mudanças positivas no processo de formação de leitores no Brasil, elas não têm sido o suficiente. Pessoalmente acredito que outra pesquisa poderia ter sido usado no lugar do exame do PISA, pois como colocado pelas próprias autoras, há uma grande falta de diálogo por parte desses exames internacionais que por serem idealizados por organismos estrangeiros, não consideram as culturas latinas e aplicam regras de maneira inflexíveis por entenderem que supostamente possuem algum tipo de autoridade sobre os países tidos como pobres. Além do fato de que as avaliações em larga escala perdem momentos importantes do desenvolvimento de aprendizagem.

Ainda assim, acredito ser importante considerar todas essas informações para se traçar um perfil do leitor brasileiro, e provocar reflexões acerca da leitura no Brasil e de sua relação com a escola afim de se traçar, como é colocado por Formiga, Inácio e Barbosa (2015), ações de mobilização para que se intensifique a prática de leitura. Elas apontam que apesar das melhoras há de se investir no ensino de literatura para se alcançar os objetivos esperados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais que acabam por ficar apenas no plano teórico. As autoras entendem que o texto literário não faz apenas uma transmissão de conteúdo, mas tem parte fundamental com questões estéticas do objeto artístico, que invocam de cada leitor o uso da subjetividade, fazendo com que cada um possa explorar as mais diferentes dimensões abertas pelo texto literário.

Na verdade, a sua presença dentro das escolas representa uma democratização da literatura, que até o século XIX era majoritariamente privilégio de uma minoria, pois agora se reconhece o direito de cada indivíduo de ter acesso a ela e até mais do que isso, é reconhecida como uma necessidade. Consequentemente as práticas de leitura não apresentam o mesmo processo para todos, pois cada um tem suas preferencias, que não

devem ser classificadas como boas ou más já que até o que é considerado como gênero literário muda com o tempo.

Formiga, Inácio e Barbosa (2015) apontam a urgência de uma escolarização adequada da literatura para que o número de leitores aumente de modo que eles sejam alcançados pelos textos literários em suas práticas concretas, ou seja, que eles se aproximem de sua realidade, pois como é colocado pelas autoras: “A não valorização e o não aproveitamento da história de leitura de nossos alunos podem significar o esvaziamento do objetivo de leitura...” (Formiga, Inácio e Barbosa, 2015, p. 174). Nesse cenário, o professor deve manter sua sensibilidade para considerar possibilidades de leitura trazidas pelos alunos, despiando-se de preconceitos que vem das práticas tradicionais e tenha em mente que cada aluno é um indivíduo com sua própria trajetória de leitura. Caso contrário esse processo de aprendizagem torna-se mandatário, cabendo a ele apenas aceitar em nome de uma autoridade um texto que não produz sentido e não conversa com seu mundo.

Com a mesma preocupação sobre o ensino nas escolas, Azevedo (2018) aponta que ao trabalhar com a formação de professores no curso de letras, é confuso até mesmo para eles entenderem a separação entre teoria e prática que não é natural no ensino de literatura, pois a visão tradicional amplamente encontrada nas escolas dá ênfase no vestibular e entende a interpretação textual dos alunos como algo condicionado a uma compreensão já existente, havendo um resultado esperado que eles devem atingir, como uma atividade de cópia que não estimula uma verdadeira reflexão crítica.

Isso é ainda mais recorrente nos livros didáticos, pois como Azevedo (2018) explica os elaboradores desse material reconhecem que precisam se atualizar nos temas que abordam, pois a sociedade apresenta cada vez mais reflexões sobre os direitos humanos, porém eles ainda não rompem de vez com os preconceitos por apresentarem uma mentalidade humanista e universalizante da cultura ocidental, podendo ajudar a os perpetuar e não o

contrário por não buscarem o desenvolvimento de questionamentos e pensamento crítico, ficando dentro da norma padrão do que já é aceito.

Mais uma vez a autora traz questões sobre a formação da cultura literária que vem através da leitura real dos textos propostos contra a formação através do estudo de datas e dados bibliográficos, questões que já foram apontadas por Oliveira (2013), Rezende (2013) e Compagnon (1950). Isso me impressiona pois esse discurso vem de muitos anos atrás e até hoje pouco mudou em como se pensa literatura nas escolas, mesmo depois da consciência por parte dos acadêmicos e por parte dos professores que os leem em suas formações, de que usá-la como apêndice para o ensino de gramática ou para conduzir uma interpretação de texto que muitas vezes utiliza recortes dos textos literários, não é o suficiente para que a literatura humanize como defende Antônio Candido (1972), e esse tipo de prática pode ser encontrado até nos livros didáticos do ensino fundamental I, não sendo exclusividade do ensino médio.

Azevedo (2018) explica que dessa maneira o ensino de literatura fica engessado e desestimula os alunos como leitores, mas isso acontece sobretudo porque mesmo os livros didáticos seguem uma ordem do sistema escolar que tende a uma disciplinarização do conhecimento, tendo então mais interesse em passar um conteúdo de maneira pragmática. Assim, apesar desse mesmo sistema reconhecer a importância do contato dos alunos com um repertório artístico e cultural a fim de transformá-los em leitores, com a didatização em excesso e a padronização dos conteúdos acaba prejudicando esse desenvolvimento.

Seguindo essa mesma problemática e conversando com o texto das autoras apresentadas nesse capítulo, Oliveira (2016) aponta que teoricamente a escola é responsável por aproximar os alunos da leitura sendo ela tida como agente privilegiado para a alfabetização e o letramento – diferença que ainda explicarei melhor -. Porém muitas vezes essa experiência não é positiva por apresentar um acesso problemático aos alunos, o que pode causar até mesmo

uma aversão a leitura, ação contrária ao objetivo tão almejado que é desenvolver o gosto por ela.

Em concordância com Azevedo (2018), Oliveira (2016) aponta que enquanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) veem a literatura como fator importante no processo de formação de leitores e propõe que o aluno estabeleça vínculos com ela através da escola, na prática ela é trabalhada apenas como objeto de estudo de uma maneira mecânica e estática, o que promove afastamento dos alunos. Os livros didáticos que poderiam por sua vez auxiliar e potencializar o trabalho com os textos literários infelizmente acabam adotando conteúdos da prática de alfabetização, de vocabulário ou até para auxiliar na produção de textos. Isso faz com que a literatura em si seja trabalhada secundariamente para educar, trazendo uma concepção errado de seu uso nas escolas, o que causa um “silenciamento” dos textos literários.

Como melhor explica Oliveira (2016) sobre essa relação:

Esta prática configura-se como de escolarização da literatura e privilegia a seleção em muitos casos, apenas de excertos de textos literários, escolhidos, quase sempre, de acordo com as necessidades do conteúdo escolar ao qual eles foram anexados. São comuns os exercícios de interpretação que, em sua maioria, calam as diversas vozes verificáveis no texto, detrimento da atitude direcionada, com motivações utilitárias do autor do material didático. (OLIVEIRA, 2016, p. 32)

Mais uma vez, enquanto nos PCNs encontra-se uma visão que valoriza o texto literário como uma forma de ensinar o leitor e reconhecer singularidades de um tipo específico de linguagem e ter contato com suas questões estéticas, formando indivíduos capazes de interpretar as subjetividades das construções literárias, Oliveira (2016) aponta – assim como Azevedo (2018) – que é comum dos livros didáticos uma expectativa ou uma tentativa de condução a uma reflexão já pré-estabelecida pelos elaboradores do material, o que faz com que se perca uma perspectiva interativa da leitura, que pensa no leitor como personagem ativo no desenvolvimento e construção de significados do texto.

Pude perceber em minhas leituras que o que Formiga, Inácio e Barbosa (2015), Azevedo (2018) e Oliveira (2016) possuem em comum é o fato de entenderem a escola como o agente responsável por formar leitores, mas isso

não tem ocorrido como o esperado principalmente porque a concepção tradicional tem afastado os alunos da literatura: “Estas concepções nem sempre comungam com ideias inovadoras a respeito do trabalho com literatura como é o caso do Letramento Literário...” (Oliveira, 2016, p.34). E finalmente, chegamos ao letramento literário. Afinal, o que ele pode fazer pelos alunos e pela literatura?

Em primeiro lugar, farei uma localização sobre o que é letramento segundo o autor Rildo Cosson (2015). A palavra letramento tem sido adotada por muitas áreas diferentes, como o letramento digital, letramento científico, letramento emocional, cultural, entre outros. Alguns autores fazem críticas a esses termos que surgiram, pois deixam de falar necessariamente sobre a habilidade de ler e escrever, e passam a se referir sobre uma habilidade ou competência de modo geral, o que pode simplificar e empobrecer o termo que perde seu contexto histórico e social.

Porém, Cosson (2015) acredita que não se deve procurar barreiras epistemológicas para alegar que tal conceito é ou não ilegítimo, o que se deve fazer é entender e indagar como ele se aproxima ou se distancia de denominações já existentes. Ele explica que o termo letramento expressa tanto a relação entre a leitura e escrita sob uma nova concepção, quanto a uma educação que ensina por competências, e há de se estudar a multiplicidade que os diferentes letramentos expressam, pois podem dialogar entre si. Para localizar o letramento literário, o autor apresenta três concepções de letramento em seus registros morfológicos, mas sem a pretensão de pensar neles como conceitos fixos ou de coloca-los em uma escala de hierarquização.

A primeira concepção é a do letramento no singular, ou seja, é a concepção que coloca a cultura escrita acima da oralidade e outros tipos de saberes, já que pensa na escrita como um divisor de águas na história da humanidade, pois ela marcou um novo estágio do desenvolvimento intelectual e modificou o funcionamento da sociedade. A prova disso seria o fato da alfabetização ser uma questão que promove o ensino em massa das crianças, e é assunto de preocupação do Governo, que sempre procura medi-la de

alguma forma, outro fator que demonstra a importância da alfabetização nessa concepção de letramento, é o de que sem ela há uma certa dificuldade de inserção social, principalmente no mundo do trabalho.

Em suma, o uso mais comum do letramento no singular é o domínio da escrita. Neste caso, o letramento pode ser percebido como uma habilidade individual e universal, assim como pode ser associado a questões cognitivas sobre o processo de aquisição da escrita, fazendo do conceito uma questão basicamente escolar. (COSSON, 2015, p. 177)

Cosson (2015) explica que há uma visão crítica do letramento no singular que representa a passagem do mesmo para o letramento no plural, pois se recusa a entendê-lo como algo fora de um contexto social, contemplando as diferentes formas do homem se relacionar com a escrita. Ele apresenta então a segunda concepção que é o letramento no plural. Nessa, a escrita deixa de ser o centro das discussões nas definições de letramento, já que a habilidade de ler e escrever passa a ser menos importante do que a capacidade de se comunicar no geral, pois essa concepção passa a reconhecer a influência das tecnologias na sociedade contemporânea, sendo a escrita apenas mais uma forma e não a única dos indivíduos se inserirem nela.

Há uma série de exemplos no texto de Cosson (2015) de saberes também essenciais para o ser humano, a fim de que atuem melhor dentro da sociedade que está cada vez mais complexa, sendo eles: o letramento matemático, o letramento científico – para que se possa movimentar com mais facilidade em um mundo comandado pela racionalidade –, o letramento acadêmico, entre outros. O que realmente importa é que o resultado seja sempre de um letramento no plural, entendendo que além do texto escrito há outros tipos de textos e tecnologias, como o cinema, pintura, computador, literatura, e muitos outros mais. Mas mais do que isso, é nesse espaço em que há um reconhecimento da diversidade cultural adquirida pela sociedade contemporânea, que é mais ampla.

Essa concepção preocupa-se com a produção de sentidos nos mais diferentes contextos sociais, procurando empoderar os indivíduos para lidarem com suas inovações em um processo contínuo de aprendizagem, onde cada

um pode desenvolver seus conhecimentos e capacidades através de diferentes linguagens.

Já na terceira concepção explicada por Cosson (2015), o conceito de múltiplos letramentos está mais associado com os campos de competência, caracterizados pelo adjetivo que os acompanha. Nesse caso, deixa-se de lado a questão da escrita e das diferentes linguagens para priorizar o desenvolvimento de uma competência ou pensamento crítico em tal área. Para melhor entendimento, o autor dá o exemplo do letramento em saúde, que pode contemplar aspectos diferentes da educação como letramento funcional em saúde, o letramento interativo em saúde e o letramento crítico.

Porém, ainda pode se perceber que mesmo que nesse conceito exista a referência a aquisição da escrita e de linguagens, o adjetivo que acompanha a palavra letramento refere-se a um tipo de conhecimento específico, como explica o autor: "... para uma boa parte desses letramentos adjetivados, o termo usualmente refere-se tanto a uma competência a ser desenvolvida quanto a um processo de aprendizagem cultural dentro da sociedade." (Cosson, 2015, p. 180).

A autora Magda Soares (2004) citada por Vieira (2015), explica que o termo letramento é relativamente novo no Brasil, sendo introduzido há apenas duas décadas. Ele surgiu para nomear comportamentos e práticas sociais dentro da área da escrita e leitura que se diferenciam da ortografia e alfabetização, e a diferença entre esses processos – o letramento e a alfabetização – são inclusive bem pontuados pela autora:

Embora correndo risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento. (APUD VIEIRA, 2015, p.119)

O letramento é acima de tudo uma prática social que envolve o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita que são relacionados a prática e realidade de cada indivíduo, enquanto a alfabetização é a apreensão

de códigos, ou como explica Soares (apud Vieira, 2015) anteriormente, a aquisição de uma tecnologia. Há diferentes níveis de letramento, sendo o contexto social e cultural e as necessidades de cada pessoa em específico, a variável desses níveis. Outra autora citada por Vieira (2015) e que vai de encontro com esses pensamentos é Kleiman (1995), que afirma que o “letramento é um conjunto de práticas sociais que perpassam a escrita” (Vieira, 2015, p. 119).

Dessa maneira a escola preocupa-se com o ensino da alfabetização apenas, enquanto outros grupos como a família, a igreja e a rua proporcionam práticas de letramento diferenciadas por extrapolarem o mundo da escrita. Isso acontece pois dentro da instituição escolar se acredita muito em uma concepção de letramento autônomo, onde a escrita é um produto final independente que não tem relação ao contexto em que é produzido para que possa ser interpretado. Mas Kleiman (apud Vieira, 2015) defende que as práticas escritas são produtos da cultura e da história da sociedade em que estão.

Mais recentemente, dialogando com a segunda concepção apresentada por Cosson (2015), Street (apud Vieira, 2015) afirma que há cada vez mais a tendência de se pensar em letramento como práticas sociais, quando se encara o seu caráter múltiplo. Como explica Vieira (2015):

Ao reconhecer que existem múltiplos letramentos praticados em contextos reais, o autor sugere aos leitores que rejeitem uma visão etnocêntrica e hierárquica, privilegiando uma forma particular de letramento sobre as muitas variedades que existem. (VIEIRA, 2015, p. 120).

Quanto ao ensino de literatura na escola, há dois pensamentos equivocados que ocorrem com frequência: o uso da literatura para o ensino reduzido da gramática, e a leitura literária por prazer. Vieira (2015, p. 121) argumenta que no meio do processo de desenvolver as habilidades de leitura, alguns irão apreciar esse movimento enquanto outros apenas o entenderão como necessário, e por isso aprenderão. De um jeito ou de outro, o letramento literário tem sido indicado por pesquisas como forma de

melhorar o ensino de literatura nas escolas, entendendo-o como uma prática significativa.

Paulino (1998) citado por Vieira (2015), vê o letramento literário como uma internalização de cada indivíduo das práticas de leitura/escrita ensinadas na escola, que apesar de passarem por ela, não se resumem a isso. O objetivo de seu ensino então seria não apenas nas estruturas textuais específicas do gênero, mas também na compreensão das subjetividades e intertextualidade, sendo que a leitura do aluno deve ser discutida e analisada.

A conclusão é de que o letramento literário é de fato indispensável no papel de formação dos leitores, pois visa a formação de sujeitos críticos, o que muito defendi quando escrevi sobre a importância da literatura. Os caminhos para essa educação de qualidade são viáveis, mas precisam ser discutidos e analisados para serem colocados em prática como estratégias para o desenvolvimento desse objetivo dentro das escolas, afim de mudar a situação apontada pelos autores do viés tradicional que permanece nas escolas. Essa mudança é muito importante uma vez que já esclarecido o porquê devemos insistir na relação de educação e literatura.

Capítulo III – A literatura e as novas tecnologias

Senti que esse foi ao mesmo tempo o capítulo mais esperado para estudar e pesquisar por mim, mas também o mais difícil de escrever pois não pude fazê-lo sem pensar em meus próprios hábitos em relação as redes sociais, o consumo de internet e os dispositivos móveis que facilitam esse acesso. Minhas experiências com as crianças dentro das escolas, proporcionadas pelos estágios remunerados e obrigatórios, também foram evocadas, pois as crianças dessa geração já nascem inseridas nesse contexto da cultura digital. Dentro de todas essas novas tecnologias e o que elas proporcionam, como os jogos de videogame, os aplicativos que representam inúmeras possibilidades – aplicativos de organização, de cinema, vídeos, ... -, as redes sociais como Instagram e Facebook, sites como Youtube e muitos outros contribuem para uma cultura da imagem e não mais das letras que acabam servindo como passatempo. E como isso afeta o futuro da leitura, ainda mais quando apontado o descolamento do ensino da literatura feita nas escolas ao contrário de um letramento literário, que busca conversar com o interesse e mundo das crianças?

O primeiro autor que me respondeu essa pergunta foi Claudemir Belintane (2018), ainda que eu não tenha gostado da resposta pois esta desconsidera a potencialidade das múltiplas linguagens. Segundo ele, é indicado que o homem possui alguma base psíquica que o permite trocar a realidade por alguma coisa que nunca existiu ou que deixou de existir, ou seja, ele é capaz de fantasiar. E para a maioria das ciências, é justamente essa capacidade de simular que possibilita desenvolver e criar coisas como os mitos, a literatura, suas teorias e tecnologias.

E quanto a esse mundo simbólico e de fantasia, Belintane (2018) cita Freud que nota que o aparelho psíquico humano funciona por retroação, o que significa que “o que se constata diretamente dos sentidos sobre o mundo é reeditado por memórias mais antigas” (Belintane, 2018, p. 279). Poderíamos alucinar constantemente sobre a realidade, se não fosse um dispositivo do

aparelho psíquico que discerne o que vem do mundo e o que se alucina. Ainda segundo o autor, é curioso perceber que talvez não seja por acaso a generalização da fantasia no mundo já que todo ser humano é capaz de entendê-la.

É com o cinema, a literatura, ou na contação de histórias que detectamos a habilidade do homem de aceitar a ficção como realidade, pois nosso psiquismo se deixa envolver de tal maneira que cria uma corporalidade fantasiosa na imaginação do indivíduo para que consiga sentir as emoções dos outros, emoções essas que podem ser fortes e ter grande impacto em quem as experiencia. E afim de explicar qual é a influência e relação com o modo de fantasiar de hoje, o autor volta no tempo para explicar como era antigamente.

Os gregos chamavam de catarse a prática de teatralização das emoções humanas que eram apresentadas através das epopeias, e que eram usadas por essa sociedade para formar cada indivíduo como um guerreiro e cidadão. A tecnologia usada por esse sistema de ensino era então focalizada na expressão do corpo humano, através da poesia, ou das formulações orais em um geral que eram usadas para manter a memória coletiva e transmitir fatos heroicos. Com o desenvolvimento da escrita, essa tecnologia é ameaçada e muda as relações humanas, com ela vem também o livro que por si só é uma janela que pode ser aberta até na solidão.

Belintane (2018) aponta que na academia de Sócrates e Platão por exemplo, a presença corporal no ato da aprendizagem ainda era importante, porém cede lugar a uma concepção de práticas que acreditam que a disciplina dos prazeres do corpo e espírito possibilita alcançar o fortalecimento intelectual. Nessa época a sociedade ainda se mostrava preocupada com a fidelidade com o texto original, sobretudo nesses momentos de ensino e mesmo após o desenvolvimento da escrita – e apesar das obras dispensarem o corpo –, ainda se requeria essa memória leitora. Mais tarde a leitura em voz alta perdura por bastante tempo – até o século XII –, mudando apenas quando se estabelece os espaços intervocabulares e as marcas de pontuação.

A partir desse momento os leitores têm suas vidas facilitadas pelos copistas que já preparavam os textos para eles, que não precisavam mais entonar sua voz para descobrir as unidades frasais e seus sentidos. Belintane (2018) faz uma conexão desse momento com uma facilidade que de nosso tempo, o hipertexto, que desconfia da memória intertextual de seus leitores quando apresenta outros links, adiantando-lhe associações e colocando – os em uma situação de quem precisa de ajuda.

A leitura em silêncio fez com que o livro se transformasse em uma obra intelectual, mudança essa que é considerada pelo autor como mais importante do que a invenção da imprensa pois não mudou a ação da leitura em si, mas apenas possibilitou uma maior circulação do livro e a expansão do público leitor, o que nas condições atuais podemos comparar com o e-reader ou os suportes eletrônicos de textos que ampliou a biblioteca pessoal dos leitores, já que agora cabem todos em uma máquina, ainda que o modo de ler continue o mesmo.

No mundo de hoje, graças aos computadores, há uma nova janela para a fantasia, o mundo virtual e dos jogos eletrônicos, que podem parecer muito mais atrativos as crianças e adolescentes que mesmo silabando quando leem e não entendendo os sentidos subjetivos e complexos dos textos, conseguem navegar por esse mundo sem maiores problemas. O que ocorre é que há cada vez mais uma tentativa de garantir o máximo da imagem do real, que por seu excesso de fidelidade acaba perdendo o sentido humano, e como coloca Belintane (2018, p. 282) cria-se um próprio deserto do real, como por exemplo nas guerras e catástrofes filmadas em tempo real, nos jogos de atirar em outras pessoas, e até mesmo com a indústria pornográfica, que se limita meramente a carne e perde as conexões humanas.

Possivelmente, é essa pré-fabricação da fantasia infantil que leva a criança a preferir combater heroicamente na lan house a participar da guerra de pipas na praia. O castelo de areia molhada da praia e uma possível batalha imaginária feitas com bonequinhos cedem vez às fortalezas que explodem diante de uma poderosa shot gun. A rapidez do esfacelamento da imagem (por exemplo, um homem explodindo ao ser alvejado) é compensada por outros aspectos sinestésicos (musiquinha rumorejante, pontos coloridos em profusão e bônus por mais vida) e pela substituição rápida deste ser por outro a ser

alvejado, mas num nível de dificuldade maior, para que o desafio atinja seus infinitesimais pontos catárticos. A máquina, em suas possibilidades de demiurgia, parece ser bem propícia a experiências nas bordas da lei, onde se pode ser mais que um assassino dos tempos de Aquiles, pois ali na solidão da janela é que se pode experimentar o apagamento das cores e das imagens e ficar somente no disparo do clic mortal e na prontidão para um novo tempo de gozo como bônus. O bom jogador apaga o cenário no momento em que está diante da tela, fica apenas com o essencial, o não-pensar da destreza das mãos. Todo o fundo some para que a concentração fique apenas no disparo certo ou nos ágeis esquives. (BELINTANE, 2018, p. 282).

E dentro dessa realidade contemporânea há uma sucessão de aparelhos que ficam cada vez mais eficientes, como os *smartphones* com *touch screen* e os *tablets* que oferecem toda uma gama de utilidades, só com eles tem-se acesso as redes sociais, a TV, música, agenda, livro, câmera, e mais os inúmeros aplicativos de delivery, jogos, exercício físico, meditação, edição de fotos e vídeos, entre outros. E é a partir desses aspectos que o autor faz uma previsão:

Na euforia dessas sucessões na educação, talvez o que se está paulatinamente pondo de lado seja o nosso leitor silencioso, herdeiro de Santo Ambrósio, que aprendera a se isolar dos outros e do mundo para o mergulho em sua janela manuscrita iluminada à vela. Os que ainda restam (nós), provavelmente, irão manter os seus livros rotos e sujos por muito tempo, longe talvez da geração Y3, que já vem sendo instigada a outros tipos de leituras, com muito mais editoração, pois os novos textos já estão vindo em boa parte lidos pela editoração/programação. Em outras palavras, as gerações estão sendo convidadas a aprender por imersão em janelas cantantes e rumorejantes. (BELINTANE, 20187, p. 286)

O leitor está mais à mercê do mundo das imagens, e isto está presente na ascensão de livros ilustrados e com poucas letras, tais como livro-brinquedo, livros de colorir, livros de jogar e outros livros desse tipo. O que para Belintane (2018) é um sinal de que o leitor contemporâneo cada vez mais se assemelha ao leitor medieval pois escuta a leitura em voz alta passivamente e não toma para si literaturas mais densas, que ficam escondidos nos cantos empoeirados das bibliotecas e livrarias. E mais ainda, não é incomum para o autor a existência de crianças e até mesmo de alguns professores que acreditam que histórias clássicas como A Bela e a Fera, Pinóquio, João e o Pé de Feijão, Cinderela e outras histórias infantis sejam originárias dos grandes estúdios de televisão, pois assistiram algum tipo de adaptação delas na

televisão ou cinema, o que prepara segundo a visão de Belintane (2018, p. 287) “... um tipo de leitor que praticamente dispensará a milenar tecnologia do alfabeto e o velho códice com sua lombada exposta na biblioteca”.

Para deixar a situação com um aspecto ainda mais negativo, Belintane (2018) argumenta que para alguns pensadores atuais o alfabeto nem sequer tem mais valor, uma vez que a escrita é limitada, pois segundo o autor independentemente da quantidade e qualidade que se use para explicar a realidade ou uma sensação, não se consegue reproduzi-las ou até mesmo criá-las, pois como diz o ditado, uma imagem vale mais do que mil palavras, e por isso o mundo das letras está fadado a desaparecer: “O alfabeto e seus antigos e modernos suportes, por mais que se tenha deles uma memória afetiva – não podemos negar – são tecnologias inventadas pelo homem e, como tais, podem ser datadas, ter seu início, apogeu e fim.” (Belintane, 2018, p. 288).

O autor entende que nesse novo mundo da realidade virtual, a linguagem será sobretudo interativa nessa plataforma, ou seja, os objetos serão transformados e tocados de acordo com os desejos de cada indivíduo e a sociedade estará tão envolta por esse mundo que passará a viver menos a realidade e o mundo das sensações, para realizar todo tipo de atividade – exemplificadas pelo autor como fazer algum esporte, fazer sexo ou até fumar – com seus sujeitos virtuais, em suas segundas vidas. Por fim, Belintane (2018) termina seu texto defendendo que a humanidade volte a se conectar com o mundo dos sentidos, e encoraja os educadores a ensinar tal prática a seus alunos.

Confesso que me senti profundamente incomodada com esse texto, não pela maneira que começou, pois realmente vemos na internet situações onde vivemos esse deserto do real, onde a imagem descolada do contexto perde sua humanização e passa a ser maldosa, e infelizmente cada vez mais as redes sociais passam a ser cúmplices disso, já que qualquer um “pode” fazer uma imagem de qualquer outro indivíduo nas mais diferentes situações, como

por exemplo o caso do MC que foi a Disney¹ e filmou a gargalhadas e postou em seu Instagram imagens de uma criança que usava uma peruca devido a uma doença.

Porém concordo apenas em partes com o que o autor colocou a questão dos livros, do alfabeto e linguagem. Não sei se é porque sou otimista, mas acho que o futuro não será tão catastrófico. Não se pode negar que a internet, o mundo virtual e os dispositivos móveis tem transformado a sociedade e suas relações e principalmente a cultura letrada, mas como explicarei com o auxílio de Cosson (2016) e Kirchof (2016), ainda há esperança. Além disso, quanto ao que se falou sobre a escrita não conseguir explicar exatamente o mundo visual, Cosson (2018) e Candido (1972) deixam claro que quanto a literatura, esse não é necessariamente seu objetivo, e sim expressar coisas profundas sobre o ser humano e seus sentimentos além do que conseguimos corriqueiramente, e ensinar sobre as maneiras do mundo e de indivíduos que são diferentes de nós, sem um julgo de valor ou moral sobre eles. Me parece que enfatizar a linguagem das imagens ou visual como faz Belintane (2018), é ignorar outras formas de expressões do ser humano.

Fazendo então uma recapitulação das transformações ocorridas na sociedade, o autor Compagnon (1950) já havia nos adiantado a afirmação de que a partir da modernidade o valor da literatura passa ser questionado e não se acredita nela mais como um saber absoluto, pois entende-se que ela é não é a única forma de compreender uma cultura, e mesmo que consiga a expressar não será em sua totalidade, e isso veio até mesmo antes da cultura digital.

Além disso, vimos como a sociedade mudou com a popularização da literatura, que perdeu seu status elitista, e passou cada vez mais a ser defendida como um direito de todos os seres humanos. Rildo Cosson (2016) também apresenta essa mudança, mas citando o conceito de sociedade

1

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/10/23/video-de-mc-gui-na-disney-traz-a-tona-exposicao-polemica-de-criancas-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em 05/12/2019

pós-literária do filósofo Sloterdijk (apud Cosson, 2016), que explica que ao mesmo tempo em que a literatura perdeu seu cânone de formar leitores da burguesia também perdeu seu sentido em uma sociedade de massas. A consequência disso é que por essa sociedade organizar-se em novas estruturas, ela usa pouco os meios literários para fazer suas sínteses políticas e culturais.

Esse conceito me causou estranheza pois faz parecer que permitir o acesso da literatura a todos os seres humanos a banalizou e a fez perder sentido, como se poucos fossem dignos de lê-la, e as pessoas das classes populares não o são por não serem cultas. De qualquer modo, o próprio Cosson (2016) explica que é de fato um conceito muito polêmico, e decide fazer um recorte do sentido que o usará em seu texto:

Interessa-nos, entretanto, ao apropriarmo-nos do termo cunhado pelo filósofo, destacar a reflexão que assinala que vivemos uma nova época e apontar que uma de suas marcas é o deslocamento para a margem ou a perda de hegemonia de uma tradição cultural baseada no cultivo das Letras. (COSSON, 2016, p.49)

Ele apresenta outros termos parecidos com esse, mas que possuem o mesmo interesse de indicar um período em que a sociedade apresenta mudanças tecnológicas que por sua vez impactam na economia e cultura, e essas mudanças fazem com que nos vejamos obrigados a refletir sobre o futuro sem usar o passado como referência, pois as tecnologias trazem novas interações não só para as áreas já citadas mas também na ciência, nas artes e até mesmo nas relações de cada indivíduo com seu próximo, e como Cosson (2016) explica, com o mundo simbólico. Assim, quanto a quem estuda a relação da escrita e leitura e a importância da literatura, entende que a cultura letrada perdeu sua importância na sociedade, até mesmo porque a Internet mudou o acesso à informação, a literatura e nossa relação com ela.

Para melhor entendermos o funcionamento do sistema literário atual, o autor explica o conceito de educação comparada, que surgiu na segunda metade do século XIX e procurava caminhos para o avanço educacional, sendo eles relacionados como o desenvolvimento econômico e cultural, de maneira que colocasse o país em questão no caminho do progresso. Hoje, porém,

esses objetivos se perderam e transformaram-se em entender as relações entre os sistemas educacionais em diferentes contextos. Uma questão fundamental da educação comparada é a da mobilidade de ideias, práticas e sistemas educacionais, quando há um processo de adoção de um sistema educacional seja em alguns aspectos ou em seu todo, nenhum elemento educacional passa facilmente de um contexto para o outro, mas passa por todo um processo de adaptação para aquela nova realidade.

Esse conceito de sistema educacional pode ser igualmente aplicado aos sistemas literários, como explica Cosson (2016), no Brasil por exemplo a literatura infantil chegou da Europa com laços com a literatura oral e em seu uso escolar, era relacionada a valores morais. Foi só a partir do século XX que houve um incentivo a produção nacional, que teve sucesso com as obras de Monteiro Lobato em 1920, e tendo um amadurecimento desse movimento a partir dos anos 70.

O autor entende que o sistema literário está inserido em uma união de outros sistemas, que juntos são chamados de polissistema. Esse polissistema como explica Cosson, “... nos permite compreender as relações dinâmicas que os sistemas culturais estabelecem entre si...” (Cosson, 2016, p. 52). Dentro dessa perspectiva a literatura infantil é um sistema dentro do polissistema literário e não apenas outro adjetivo que por sua vez denomina um tipo de gênero. Em seus primórdios a literatura infantil estava intrinsecamente relacionada com a escola, havendo uma dupla dependência tanto da presença dela nas escolas, quando da produção de livros desse segmento pelas editoras.

No entanto, a literatura infantil passou progressivamente a se emancipar da escola conforme estabeleceu uma identidade de repertório, e passou a alcançar outras esferas como o cinema. Isso aconteceu devido a uma internalização do gênero, e as obras deixaram de ser mediadas pela escola e família, mas passa também pelos meios de comunicação de massa. É curioso observar a diferença entre Belintane (2018) e Cosson (2016) quanto a esse aspecto, pois enquanto para um o cinema e as adaptações para televisão são

vistas como algo ruim e que fazem os indivíduos perderem o contato com a origem das histórias literárias, para outro é um sinal do reconhecimento de produção cultural direcionada às crianças, e como outra forma de manifestação literária, ainda que Cosson (2016) aponte que por ter essa relação com a educação, esse sistema se distancia dos outros que tem como objetivo o puramente artístico.

Ainda que seja muito problemático o ensino de literatura nas escolas, como vimos anteriormente, há melhorias apontadas por Cosson (2016), como a produção de livros infantis para além do âmbito escolar. Também produz-se uma vasta e variada quantidade de produtos dirigidos ao leitor criança, recusando o didatismo que mais se restringem a escola ou a indicação do professor e há espaços do mercado próprios para essa circulação, pois para o bem ou para o mal, houve uma expansão mercadológica da literatura infantil que faz parte do movimento de construção do mercado infantil em que as crianças exercem o papel de consumidores autônomos. Nesse caso não sei o que me surpreende e assusta mas, pensar que eventualmente podemos não ter mais livros como sugere Belintane (2018) ou que só temos uma evolução na qualidade e quantidade de literatura infantil porque se passou a considerar as crianças como consumidoras.

Cosson (2016) também aponta que a literatura infantil deixa de contar apenas com a escrita como única forma de expressão, as contações de história tornam-se também importantes pois o valor da oralidade é reconhecido para a formação do leitor e é vista como uma forma de manifestação literária, e logo depois outras formas aparecem: o cinema, a canção popular, videos, histórias em quadrinhos, entre outras. Em oposição a Belintane (2018), aqui Cosson (2016) vê as múltiplas linguagens como algo positivo para a formação do leitor, e não como algo que se sobrepõe e subjuga a literatura.

Além desses aspectos, em mais uma defesa aos livros, Cosson (2016) aponta que as formas deles se constituírem também mudou, passando a dar mais ênfase em sua materialidade e visualidade, sem que isso seja uma coisa necessariamente negativa. Há cada vez mais livros com performances visuais

e sensoriais, trazendo uma transmissão de ideias por meio de formas, impressões, dobraduras dimensionais. As ilustrações deixam de apenas acompanhar e ornamentar o texto, trazendo o sentido de ampliar o registro da escrita e interferir na interpretação e leitura da obra. Dessa maneira, não há uma oposição entre a falta de texto e as imagens como faz Belintane (2018) ao citar os livros brinquedos, que trazem uma interação com o leitor, mas entende-se as imagens como outra forma de transmitir ideias e de apresentar às crianças um material artístico.

Por fim, Cosson (2016) explica que a leitura de literatura não tem mais a pretensão de preparar o leitor para os livros da literatura canônica – que pode ser descolada de sua realidade – mas passa a valer como experiência literária autêntica, pois os textos infantis ficaram mais complexos, conforme entende-se a criança como leitora.

Quanto a interferência da cultura digital que anuncia Belintane (2018), Kirchof (2016) possui outro jeito de abordar o tema, mas em concordância com o primeiro, diz que depois que a tecnologia digital passou a ser progressivamente mais acessível para a vasta camada da população mundial, a cultura contemporânea está cada vez mais ligada as facilidades trazidas por ela e seus dispositivos, como os computadores e os aparelhos móveis:

Isso significa que o modo como nos relacionamos com as informações que consumimos hoje está marcado pelo modo como funcionam as tecnologias e as mídias digitais, o que modifica várias de nossas práticas anteriormente vinculadas as mídias analógicas, inclusive a prática de escrever e ler obras literárias (KIRCHOF, 2016, p. 203)

Dentro da história da evolução tecnológica, o desenvolvimento das mídias digitais segundo Manovich (apud Kirchof, 2016), traz uma transformação ainda mais intensa do que as invenções que a precederam porque além de facilitar a produção, distribuição e o consumo de informação, também impacta todos os tipos de textos, orais ou escritos, imagens em movimento ou não, sons, entre outros.

De fato, com a tecnologia digital, qualquer signo pode ser armazenado e processado em uma velocidade jamais imaginada, com recursos igualmente surpreendentes de manipulação, e

consumido quase instantaneamente em qualquer parte do mundo onde haja algum aparelho de computação conectado a rede mundial de computadores. (KIRCHOF, 2016, p. 204)

Além desses pontos há uma mudança na distribuição dos textos que não estão mais presos à materialidade do papel, podendo ser acessado de qualquer suporte eletrônico, os computadores, celulares, tablets, há até mesmo um desenvolvido exclusivamente para a leitura, o Kindle. Essas facilidades mudam o mundo da leitura, desde como os livros são produzidos, distribuídos e comercializados como também o modo como são lidos. E quais são as consequências na formação de leitores pela tecnologia digital? Na mesma época em que se popularizou seu uso, Kirchof (2016) explica que nasceram também entusiastas sobre o potencial das mídias digitais para a aprendizagem e leitura, como Pierre Lévy (1999) que analisou cronologicamente a relação do homem e do saber e das tecnologias usadas em cada período para a comunicação.

Começando pelas sociedades ágrafas que tinham um saber prático e ritualizado, depois com a escrita o conhecimento deixou de ser passado oralmente e é deslocado para o livro que por sua vez transformou-se em uma autoridade. O terceiro estágio se dá pela invenção de Gutenberg, a imprensa que possibilitou a existência de bibliotecas e da enciclopédia, as quais o autor acredita terem produzido uma cultura de saber do sistema totalizante que só teria finalmente mudado com as tecnologias digitais, que retiram essa suposta autoridade dos livros.

Outro entusiasta citado por Kirchof (2016) é George P. Landow (2006) que acredita que o hipertexto – referência a escrita eletrônica que forma uma grande rede de informações interativas, e o leitor tem a possibilidade de escolher quais informações são de seu interesse e quais não, ou seja, não segue uma linearidade – criado graças as novas tecnologias, divide o poder entre o leitor e o escritor pois a participação do leitor é necessária para que a escrita se realize. Por isso o hipertexto é mais democrático do que os textos que vieram antes dele, que segundo o autor são referentes a uma escrita monológica e autoritária. De acordo com Kirchof (2016), Landow (2006) acabou

inspirando muitos autores que até hoje defendem o hipertexto como modelo ideal não apenas no campo literário e pedagógico como também no campo político e social pois ele materializa a necessidade de governos não hierárquicos.

Em contraposição a essa visão entusiasta, Kirchof (2016) conta que a partir dos anos 2000 outros autores começaram a argumentar que o hipertexto tem prejudicado a atenção dos seres humanos e a nossa habilidade de fazer reflexões profundas, ao invés de expandir nossa capacidade cognitiva. Kirchof (2016) apresenta os autores Bernard Styer e Martin Sptizer, que afirmam que jogos de videogame, as redes sociais e arquivos mp3 levam a uma atenção superficial que prejudica os seres humanos. Outro autor que explora essas ideias e é citado no texto, é Nicholas Carr, para ele enquanto a leitura dos textos impressos requer atenção profunda e provoca reflexões nos leitores por ser densa e linear, no hipertexto eles podem reter poucas informações devido a uma leitura muito rápida, superficial e volátil, como explica melhor Carr (2010):

como McLuhan sugeriu, as mídias não são apenas canais de informação. Elas fornecem a matéria para o pensamento, mas também moldam o processo do pensamento. E o que a parece estar fazendo é enfraquecer a minha capacidade de concentração e contemplação. Esteja eu on-line ou não, a mente, agora, espera receber as informações da mesma forma como a internet a distribui: em uma corrente de partículas que se movem rapidamente. Antigamente, eu era um mergulhador no meio de um mar de palavras. Agora, eu deslizo pela superfície como um sujeito dirigindo um jet ski. (apud Kirchoff, 2016, p. 217)

Diante dessas polarizações, a americana Nancy Katherine Hayles (2012) recentemente assumiu uma posição intermediária diante dessa questão, dizendo que independente do texto – impresso ou hipertexto – o leitor deve se adaptar para desenvolver estratégias e habilidades necessárias para lê-lo. A leitura bem-sucedida de uma obra literária demanda uma estratégia de atenção profunda e foco, a medida que o hipertexto requer que o leitor construa associações feitas base em muitas informações, entregues de forma muito rápida. Segundo Kirchof (2016), ela denomina o primeiro tipo de leitura de close reading, e a segunda de hyper reading, e é importante notar que a autora não diz que há apenas perdas com a hiperleitura apesar de concordar que ela

pode comprometer a atenção profunda, diferentemente de Carr. Quanto a isso, o autor explica que para ela o hipertexto pode ter suas vantagens pois “...estamos vivendo em uma fase em que há uma correlação entre transformações epigenéticas do cérebro motivadas pela evolução de novas modalidades de escrita e leitura na web...” (Kirchof, 2016, p. 2018).

Em outras palavras os dois tipos de leitura possuem suas vantagens, ao passo que com a atenção profunda é essencial para a realização de atividades complexas como teoremas matemáticos, obras literárias, entre outros, a hiperatenção auxilia o leitor a alternar entre correntes de informação diferentes, e usando a leitura dinâmica, ele tem uma compreensão mais rápida dos pontos principais do texto.

Além dessa discussão polarizada Kirchof (2016) conta que o autor Macluhan ajudou a popularizar nos anos 60 e 70 a ideia de que a TV teria transformado a cultura e a sociedade de tal forma que teria iniciado uma nova fase da história, e assim baseou sua tese de que cada nova tecnologia traz uma transformação profunda nas relações da humanidade, o que podemos relacionar com o sentimento de alguns sobre os dispositivos dessa cultura digital. Porém essa foi considerada por Williams – como nos conta Kirchof (2016) – como um determinismo tecnológico já que “não há absolutamente nada na própria tecnologia que seja capaz de gerar transformações culturais ou sociais, uma vez que estas ocorrem em um contexto de intenções sociais mais amplas e historicamente situadas” (Kirchof, 2016, p. 220), o que significa que faz parte da história do homem desenvolver novas tecnologias, que podem ter um grande impacto na sociedade mas nunca está fora de contexto e não acontece repentinamente.

Dentro do contexto das discussões sobre a leitura em meio digital, há duas maneiras que podem manifestar esse determinismo. A primeira é a ideia de que os dispositivos tecnológicos teriam isoladamente o poder de transformar diretamente o leitor e a sociedade, seja para o bem como defendia Landow que ele se tornaria mais ativo e participativo em uma sociedade mais democrática, ou para o mal como acredita Carr, dizendo que a hipermídia transforma o ser

humano em um leitor superficial e incapaz de refletir profundamente. A segunda maneira de expressar o determinismo é a ideia de que cada estratégia de leitura será usada mecanicamente segundo o suporte em que está disponibilizada, por exemplo a noção de que os hipertextos não necessitam de uma leitura mais cuidadosa, sendo usado preferencialmente estratégias de hiperleitura. A verdade é que uma leitura bem-sucedida na cultura digital demanda que o leitor mobilize tanto as estratégias de hyper reading, quanto de close reading, pois os letramentos já existentes e relacionados a essa última auxiliam e promovem o letramento digital.

Kirchoff (2016) entende que a proposta do letramento literário existe justamente porque esse tipo de texto não possui linguagem óbvia, além de ter suas especificidades estético-literárias, também no caso da literatura digital, a mesma coisa acontece já que independente do suporte em que é produzida, suas características não mudam. É por isso que a cultura digital também demanda um letramento que possibilite a compreensão da dimensão literária de certos textos, o que seria interessante explorar já que os gêneros textuais estudados nas escolas são sempre os tradicionais como carta, conto, reportagem, artigo, entre outros, e agora há toda uma nova gama de possibilidades, como os e-mails, posts em blogs, texto para webjornais...

Assim como Kirchof (2016) prefiro pensar que a humanidade está sempre se reinventando, criando novas tecnologias e apesar de reconhecer o grande impacto que a cultura digital teve no mundo da escrita, estamos aprendendo e desenvolvendo novas habilidades. Há o lado negativo da internet e tudo o que veio com ela, como falamos anteriormente com o deserto do real, mas acredito que devemos ter cuidado com os determinismos e a polarização de que algo é completamente bom ou completamente mal, pois como argumentou o autor podemos nos beneficiar usando todas essas estratégias de leitura. E quanto o sumiço da literatura, prefiro acreditar que alguém – mesmo que uma minoria – sempre verá o mesmo que Rildo Cosson (2018) vê:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós

mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (Rildo Cosson, 2018, p.17)

Considerações Finais

O que percebi ao ler os autores do primeiro capítulo é que mesmo falando sobre a literatura, que faz parte da cultura escrita, há uma preocupação em desmistificar as práticas escolares que se prendem ao ensino da história da literatura e da biografia dos autores, apontando que a leitura efetiva das obras literárias é o que possibilita uma real formação humana, muito além da gramática. Quanto aos autores que falam sobre o letramento literário, há também um entendimento de que há mais para se ensinar do que a apreensão de códigos, que é a preocupação da alfabetização e até mesmo da concepção de letramento que coloca a cultura escrita como algo acima dos outros saberes e linguagens, como por exemplo da oralidade.

Com a discussão de letramentos plurais trazida por Cosson (2015), a aptidão de ler e escrever passa a ser menos importante do que a capacidade de se comunicar, pois nessa concepção o letramento é uma prática social que desenvolve habilidades relacionadas a realidade de cada indivíduo, e por isso reconhece a influência das tecnologias na sociedade contemporânea, sendo vista como mais uma forma de se inserirem nela.

Uma coisa apontada por todos os autores do terceiro capítulo – Belintane (2018), Cosson (2016) e Kirchof (2016) – apesar de discordarem em outros pontos, é que a cultura letrada tem sido transformada, perdendo cada vez mais espaço para uma cultura de imagens, que vem através da expansão da internet e das novas mídias. No entanto, sinto que a preocupação de Belintane (2018) é desmedida pois ele ignora que essa mudança dá espaço para outros tipos de narrativas além da escrita, o que é bom pois sinaliza um possível letramento plural, como aponta Cosson (2016) quando diz que a oralidade das contações de história e o cinema são outras formas de manifestação literária. Do modo que é colocado por Belintane (2018), é como se essa cultura da imagem destronasse a cultura escrita, e se colocasse como superior a todas as outras, iniciando o seu próprio reinado.

Como aponta Kirchof (2016) temos que assumir essa mudança é inevitável e ela não tem apenas aspectos positivos ou negativos, mas abrirá portas para que os seres humanos desenvolvam outras habilidades que serão mobilizadas em um conjunto para realizar tanto tarefas complexas como a leitura de textos literários, composição de músicas, resolução de problemas matemáticos, como nas simples, como ler um hipertexto, assistir um filme ou programa de televisão, pesquisar na internet, entre outros.

Quanto a literatura, concluo que apesar de não ser capaz de transcrever precisamente o mundo visual, ela consegue expressar os sentimentos humanos, apresentando ao leitor situações e emoções com que ele pode se relacionar e sentir empatia, o que faz com que reflitam sobre esses sentimentos. Além disso ela humaniza o que é desconhecido, o que é muito positivo pois é mais fácil termos raiva ou estranhamento daquilo que não conhecemos, iniciando um processo de alteridade com o que é “diferente”, o que ajuda a desconstruir preconceitos. Esse aspecto da literatura possibilita os leitores que fazem parte desses grupos considerados diferentes a se empoderarem e ganharem voz.

Pensando na realidade das escolas que como apontado no segundo capítulo, preferem se ater ao uso do texto literário para o ensino de gramática ou então que simplesmente o descartam, ensinando apenas a história da literatura e bibliografia dos autores, há uma perda enorme do potencial de letramento e formação humana possibilitados por ela.

E como vivemos em um mundo cada vez mais imerso na cultura digital, essa prática pedagógica não precisa ser desligada dos interesses dos alunos ou das tecnologias. Há outras formas de arte, como foi apontado por Kirchof (2016) com as poesias digitais. Há outras formas de narrativa, e isso devia ser mais explorado pelos professores, para que não se perca todas essas coisas positivas já exemplificadas anteriormente que vem com o ensino da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Luciene . "Sonhando com tempestades?: A leitura literária e o livro didático?. In: Simone Silva; Julio Pereira. (Org.). Língua Portuguesa e Literatura no livro didático. Desafios e Perspectivas.. 1ed.São Paulo: Pontes Editores, 2018.

BELINTANE, Claudemir. Quando o Mundo Some: reflexões sobre o futuro da(s) leitura(s). **Educ. Real.**, Porto Alegre , v. 43, n. 1, p. 275-291, Mar. 2018 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362018000100275&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Oct. 2019. Epub Oct 05, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623664333>.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Ciência e Cultura. São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803 – 809, 1972.

COMPAGNON, A. Literatura para quê? Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COSSON, R. Letramento Literário: uma localização necessária. **Letras & Letras**, v. 31, n. 3, p. 173-187, 29 jun. 2015.

COSSON, Rildo. Literatura infantil em uma sociedade pós-literária: a dupla morfologia de um sistema cultural em movimento. **Pro-Posições**, Campinas , v. 27, n. 2, p. 47-66, Aug. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072016000200047&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0114>.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

FORMIGA, Girlene Marques; INÁCIO, Francilda Araújo; BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Literatura, escola e formação literária: entre práticas e descaminhos. **Revista Principia: Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, João Pessoa, v. 28, n. 15, p.169-177, dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/389>>. Acesso em: 01 out. 2019.

JOUVE, V. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. (Orgs.) *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. Trad. Amaury C. Moraes et al; coord. e rev. Neide L. Rezende; Rita Jover-Faleiros. São Paulo: Almeida, 2013, pp. 53-66.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Como ler os textos literários na era da cultura digital?. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 47, p. 203-228, June 2016.

Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182016000100203&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Oct. 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/2316-40184710>.

OLIVEIRA, Fernando Alves de. O “silenciamento” do texto literário nos livros didáticos do Ensino Fundamental e a precária formação de leitores: uma reflexão sobre propostas de letramento. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 4, n. 3, p. 29-42, set.-dez. 2015.

OLIVEIRA, G. R. de. Ensino de Literatura e História da Literatura. In: *O professor de português e a literatura*. São Paulo: Alameda, 2013, pp. 43-67.

REZENDE, N. L. de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.) *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013, pp. 99-112.

SOUSA, Guilherme Moés Ribeiro de; VIEIRA, Flaviano Maciel. Poesia digital e ensino: o letramento literário em uma perspectiva tecnológica. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 78, p. 55-67, set. 2018. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/11991>>. Acesso em: 21 out. 2019. doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v43i78.11991>.

SOUZA, R. J.; COSSON, R. *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula*. São Paulo: UNESP/UNIVESP. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. Acesso em: 18/09/2019

VIEIRA, Hilluska de Figueredo Sousa Carneiro. Letramento literário - um caminho possível. **ArReDia**, Dourados, v. 4, n. 7, p. 117 - 126, dez. 2015. ISSN

2316-6169. Disponível em:

<<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/4307>>. Acesso em: 07 out. 2019.